

Espiral do silêncio

UMA DAS MAIS IMPORTANTES e curiosas linhas do chamado campo das pesquisas em comunicação tem sido desenvolvida, desde 1972, pela alemã Elisabeth Noelle-Neumann. Nascida em 1916, Noelle-Neumann especializou-se em demoscopia, em 1940. A demoscopia é uma termo ainda não dicionarizado, salvo em obras especializadas. Trata-se de uma palavra composta: demos (povo) + cópia (translado literal), o que significa pesquisar a opinião do público para torná-la conhecida. Dito de outra forma, a demoscopia é a pesquisa de opinião pública sob organização científica.

Forçada a exilar-se da Alemanha pelos nazistas, Noelle-Neumann retornaria depois da guerra e, com o marido Erich Peter Neumann, fundou o Instituto de Demoscopia Allensbach, que dirige até hoje, com a Dra. Renate Köcher.

O instituto possui, atualmente, 90 empregados, tendo realizado, no correr dos anos, cerca de oitenta mil entrevistas para mais de cem diferentes pesquisas. Suas principais teorias estão desenvolvidas no livro *A Espiral do Silêncio - Opinião pública: nossa pele social*, publicado nos Estados Unidos em 1984.¹

A primeira vez em que se falou a respeito foi em 1972. Noelle-Neumann participava do XX International Congress of Psychology, em Tóquio, apresentando um *paper* denominado *Return to the Concept of Powerful Mass Media*.²

A pesquisadora começava a chamar a atenção para o poder que a mídia possuía, muito especialmente a televisão, para influir sobre o conteúdo do pensamento dos receptores. Revisava ela, desta maneira, as teses então correntes de que a mídia afetava apenas parcialmente o público, contrapondo que, na verdade, haveria uma tendência dos jornalistas em produzirem o que ela denominava então de uma "consonância irreal quando relatam os acontecimentos".

Antonio Hohlfeldt

Doutor em Literatura Brasileira, PUCRS
Professor da FAMECOS/PUCRS

Partindo do conceito de *percepção seletiva* e retomando o de *acumulação* provocada pela mídia, conceito aliás que a então ainda recente hipótese de *agenda setting* havia colocado em circulação, Noelle-Neumann destacava a *onipresença* da mídia como eficiente modificadora e formadora de opinião a respeito da realidade.

Sua atenção para o fato fôra provocada um pouco casualmente, ao observar diferentes pesquisas que se acumulavam nos arquivos do Instituto Allensbach. Ela se dava conta de que, a uma mesma indagação periodicamente feita aos alemães sobre si mesmos e sua auto-imagem, as respostas vinham se deteriorando de ano para ano. Objetivamente, a pergunta era: "De modo geral, que qualidades positivas você diria serem as dos alemães?". Pesquisas iniciadas em julho de 1952 e que culminavam em junho de 1976 evidenciavam que a resposta "Não conheço boas qualidades nos alemães" crescerá assustadoramente, evidenciando uma auto-imagem e, conseqüentemente, uma auto-estima decrescente entre os germânicos: de 96% dos pesquisados que reconheceram terem os alemães boas qualidades, em julho de 1952, caíra-se para 80% em maio de 1972 e chegara-se a 86% em junho de 1976. Paralelamente, a mesma pergunta feita a jornalistas alemães, por amostragem, no verão de 1976, atingira a média de 78% de respostas positivas, apenas. Quanto à visão negativa, subira de 4% em julho de 1952, para 20% em maio de 1972 e baixara para 14% em junho de 1976, ficando em 22% no verão do mesmo ano, a média da mesma resposta quando entre os jornalistas.

Noelle-Neumann buscou então pesquisar os programas televisivos deste mesmo período, e descobriu algo surpreendente: das 39 menções ao caráter alemão feitas generalizadamente nos diferentes programas, 32 eram negativas; da mesma forma, ampliando a pesquisa a toda a mídia alemã, ela chegou a um total de 82 referências, sendo 51 delas negativas e apenas 31 positivas.

A pesquisadora passou a intuir que a influência da mídia sobre o receptor não seria, portanto, assim tão tênue. Pelo contrário, o efeito de *acumulação*, levantado pela hipótese de *agenda setting*, poderia ter outros resultados: era bem mais forte a influência da mídia sobre o público do que se poderia imaginar, ainda que não se quisesse cair na antiga perspectiva da *teoria hipodérmica*.³ Esta influência, ao contrário do que se dissera nas últimas décadas, não se limitava apenas ao *sobre o quê pensar ou opinar*, como afirmava a hipótese de *agenda*, mas também atingiria o *quê pensar ou dizer*.

Elisabeth Noelle-Neumann, contudo, não estava interessada em apenas evidenciar os resultados. Ela queria, na verdade, saber *como* se chegava a tais resultados que as pesquisas mostravam. Assim, se ela chamava a atenção para o fato de "uma possível conexão entre a mídia e a mudança de opinião", na verdade queria entender como esse processo se dava, e para isso retomou boa parte dos estudos que giravam em torno da opinião pública, e passou a desenvolver um sem-número de pesquisas sobre temas os mais variados.⁴

Entre 1966 e 1967, por exemplo, promoveu uma pesquisa em torno da influência que a aquisição e entronização da televisão, em lares em que até então esta mídia não estivera disponível, provocara. Ela notou, por exemplo, que o interesse pela política crescerá de 36% para 44% entre aqueles que haviam adquirido a televisão, mas em compensação, as conversas entre marido e mulher, em casa, a respeito do emprego daquele, haviam se reduzido, a despeito da diferente percepção de tal fenômeno, entre os maridos e as esposas.

Enquanto os maridos mostravam não ter-se apercebido disso (40% antes de possuírem a televisão e 39% após) as mulheres indicaram percentuais de 54% antes da televisão e 46% após a presença da mídia em suas casas.

Entre aquele primeiro enfoque de 1972 e o de 1979, Noelle-Neumann enfatizava algumas questões: a discussão sobre os métodos de pesquisa em torno da influência da mídia sobre os receptores precisava ser reaberta; mais do que trabalhar a questão da *percepção seletiva* que até então se desenvolvera, Noelle-Neumann dava-se conta de que, na verdade, a influência da mídia dependia sobretudo da *característica* da audiência ou do receptor, na medida em que a *consonância* provocada, consciente ou inconscientemente, pela mídia, acabava por dificultar a prática de tal seleção. A pesquisadora terminava, então, por relativizar o conceito mais clássico de *opinião pública* enquanto a média de opiniões veiculadas num determinado grupo social, buscando historiar a evolução desse conceito e re-situá-lo diante de suas pesquisas.

A noção de *opinião* é extremamente antiga e se iniciou com Platão - para quem a *dóxa* era a maneira primária de conhecimento. Mas a partir desta, Clóvis de Barros Filho classifica como *indiretas* e *diretas* as diferentes fontes levantadas por Noelle-Neumann para a sua conceituação revisionista de *opinião pública*.⁵

Entre as fontes indiretas, ele coloca pensadores como Rousseau, Locke, Hume e Madison. Cada qual, em determinado momento, levantou uma questão que, na combinação dos conceitos buscados por Noelle-Neumann, terminou por contribuir para a constituição de sua hipótese de trabalho.

Jean-Jacques Rousseau é o primeiro filósofo a valer-se conceitualmente do termo *opinião pública*. Para ele, o Estado se estrutura em três tipos de leis: o direito público, o privado e o civil. Mas reconhece que "além dessas três classes de leis há uma quarta, a mais importante, que não está gravada em mármore e bronze e sim no coração dos cidadãos; uma verdadeira constituição do Estado cuja força se renova a cada dia, que dá vida às outras leis e as substitui quando en-

velhecem ou desaparecem (...). Refiro-me à moral, aos costumes e, sobretudo, à opinião pública."⁶ Um intérprete da hipótese da *espiral do silêncio*, como denomina Noelle-Neumann a sua conceituação, explica que, para Rousseau, a "opinião pública representa uma transação entre o consenso social e as convicções individuais."⁷

Bem antes de Rousseau, John Locke, no *Ensaio sobre o Entendimento humano*, de 1671, também abordara a mesma questão: "Há que distinguir três tipos de leis, diz Locke. A primeira, a lei divina; a segunda, a lei civil; e a terceira, a lei da virtude e do vício, da opinião ou da reputação ou - Locke emprega o termo indistintamente - a lei da moda."⁸ E prossegue a autora na citação:

"Para compreendê-la corretamente, há que levar em conta que, quando os homens se unem em sociedades políticas, ainda que entreguem ao público a disposição sobre toda a sua força, de modo que não possam empregá-la contra nenhum concidadão além do que permita a lei de seu país, conservam sem dúvida o poder de pensar bem ou mal, de aprovar ou censurar as ações dos que vivem e mantêm alguma relação com eles." (p. 98)

Clóvis de Barros Filho destaca, por sua vez, uma outra passagem significativa:

"Quanto aos castigos conseqüentes das leis do Estado, criam-se ilusões com a esperança da impunidade. Mas ninguém que atente contra a moda e a opinião das companhias que frequenta se livra do castigo da censura e do desagrado desta." (p.218)

Para Locke, assim, deve haver um "consenso tácito e secreto" entre os cidadãos e a sociedade de que fazem parte.

Outro pensador que se preocupa com o tema é David Hume. Em seu *Tratado da Na-*

tureza humana (1739), Hume recolhe as idéias de Locke e as transfere para uma "teoria do Estado". Ele reitera o princípio de que a sociedade, ainda que renunciando ao uso da força bruta, não entrega sua capacidade de aprovar ou desaprovar algo" e como as pessoas tendem naturalmente a prestar atenção às opiniões e a amoldar-se às opiniões do meio, a opinião é essencial para os assuntos do Estado.

O poder concentrado de opiniões semelhantes mantidas por pessoas particulares produz um consenso que constitui a base real de qualquer governo", explica Noelle-Neumann (p. 103). Não por acaso, o capítulo em que ele desenvolve o conceito de opinião pública se denomina *Do Amor à Fama*, em que reconhece ser o espaço público "a arena na qual se reconhecem os logros" e que, por isso, "o governo só se baseia na opinião", o que tornar-se-ia doutrina fundamental para os "pais da pátria" norte-americana, dentre os quais James Madison, conforme se lê em seu *O Federalista* (1788):

"Se bem pode ser correto que todo o governo se baseie na opinião, não o é menos que o poder da opinião sobre cada indivíduo e sua influência prática sobre sua conduta depende em grande medida do número de pessoas que ele acredita tenham compartilhado da mesma opinião. A razão humana é, como o próprio homem, tímida e precavida quando se a deixa sozinha. É adquire fortaleza e confiança em proporção ao número de pessoas com as quais está associada".

Alexis de Tocqueville, segundo Clóvis de Barros Filho, seria a fonte direta dos estudos de Elisabeth Noelle-Neumann. Trata-se do primeiro estudioso a aperceber-se plenamente da força da opinião pública e da maneira pela qual ela funciona. Por isso, a ensaísta alemã faz longas transcrições de seu livro *A Democracia na América*, de 1835-1840, em que o pensador francês, de certo modo,

alcança uma síntese do que já se dissera anteriormente, ao mesmo tempo em que aprofunda aquelas perspectivas:

"Quando as classes sociais são desiguais e os homens diferentes uns dos outros em sua condição, há alguns indivíduos que dispõem do poder de uma maior inteligência, saber e iustração, enquanto que a multidão está mergulhada na ignorância e no preconceito. Os homens que vivem nestas épocas aristocráticas são por isso induzidos naturalmente a configurar suas opiniões segundo o modelo de uma pessoa superior, ou de uma classe superior de pessoas, e se opõem a reconhecer a infabilidade da massa do povo. Nas épocas de igualdade sucede o contrário. Quanto mais se aproximam os cidadãos ao nível comum de uma posição igualitária e semelhante, tanto menos disposto está cada um a ter uma fé absoluta em um determinado homem ou em uma classe determinada de homens. Mas sua inclinação a crer na multidão aumenta, e a opinião é mais que nunca dona do mundo... Em períodos de igualdade, os homens não têm fé nos outros devido à sua semelhança; mas essa mesma semelhança lhes dá uma confiança quase ilimitada no juízo comum do povo. Porque pareceria provável que, como todos contam com os mesmos elementos de juízo, a maior verdade deveria ser a da maioria." (p. 124)

Outra passagem significativa de Tocqueville é aquela em que o pensador europeu aborda a sensação de solidão que invade o homem em meio à massa:

"Quando o habitante de um país democrático se compara individualmente com todos os que o rodeiam, sente com orgulho que é igual a todos eles. Mas quando considera a totalidade de seus iguais e se compara com um con-

junto tão grande, sente-se imediatamente abrumado pela sensação de sua própria insignificância e debilidade. A mesma igualdade que o independiza de cada um de seus concidadãos, tomados em conjunto, expõe-no sozinho e inerme à influência da maioria (...). Sempre que as circunstâncias sociais são igualitárias, a opinião pública pressiona as mentes dos indivíduos com uma força enorme. Rodeia-os, dirige-os e os oprime. E isto se deve muito mais à própria constituição da sociedade que às suas leis políticas. Quanto mais se pareçam os homens, mais débil se torna cada um deles em comparação com todos os demais. Como não percebe nada que o eleve consideravelmente por cima ou o distinga deles, perde a confiança em si mesmo quando o atacam. Não apenas desconfia de sua força, como inclusive duvida de seu direito. E se acha muito próximo de reconhecer estar equivocado quando a maioria de seus compatriotas afirma que o esteja."

escrevera *Le Public et la Foule*¹⁰, em que mostrava a necessidade que os seres humanos sentem de mostrar-se em público num comportamento de acordo com o dos demais. Explicava-se, assim, a tendência aos comportamentos massificadores, propiciados não apenas pelo anonimato que o indivíduo experimenta quando em meio à multidão, quanto por se sentir, de certo modo, pressionado a comportar-se de tal maneira e, ao mesmo tempo, protegido em meio à massa. Tarde preocupava-se com esse anonimato massificador e chegava a considerar o jornal como o grande responsável por uma espécie de solidão em meio à multidão que caracterizaria nosso século:

Dando um salto no tempo, chegamos ao ano de 1922, quando o norte-americano Walter Lippmann publica *Public Opinion*.¹¹ Segundo ele, as pessoas avaliam a realidade externa enquanto "imagens pintadas em seus cérebros" que raramente correspondem ao que a realidade efetivamente é. Para Lippmann, de qualquer forma, essas "imagens" vão-se tornando, com o passar do tempo, cada vez mais estabelecidas, estandardizadas, ou seja, *estereótipos*, o que N. Luhmann vai explicar como o "resultado da economia entre a percepção e a técnica de sua comunicação" que se traduz enquanto a busca de "redução da complexidade [da realidade]".

Para Lippmann, assim, a opinião pública seria a média das opiniões circundantes em uma determinada sociedade, num momento determinado.

Poucos anos antes, o francês Gabriel Tarde

"A partir destas multidões dispersas, em contacto íntimo, ainda que distante, por sua consciência da simultaneidade e da interação criadas pela notícia, o jornal criará uma multidão imensa, abstrata e soberana, a que se chamará opinião. O jornal completou assim a obra ancestral iniciada pela conversação, extendida pela correspondência, mas que sempre permaneceu em um estado de esboço disperso e insinuado: a fusão das opiniões pessoais nas opiniões locais, e destas na opinião nacional e mundial, a grandiosa unificação da mente pública ... este é um poder enorme que só pode aumentar, porque a necessidade de estar de acordo com a opinião faz-se mais forte e irresistível à medida em que o público se torna mais numeroso, a opinião mais imponente e a necessidade se satisfaz mais amiudadamente."

Retornemos agora, depois desta excursão histórica, aos parâmetros e conceitos levantados e estabelecidos pela própria Elisabeth Noelle Neumann.

"Sua pesquisa indicou que as pessoas são influenciadas não apenas pelo que as outras dizem mas pelo que as pessoas imaginam que os outros poderi-

am dizer. Ela sugeriu que, se um indivíduo imagina que sua opinião poderia estar em minoria ou poderia ser recebida com desdém, essa pessoa estaria menos propensa a expressá-la.”¹¹

Isso porque, segundo ela, “para o indivíduo, o não-isolamento em si mesmo é mais importante que seu não-julgamento. Parece ser esta a condição da vida humana em sociedade; caso contrário, não será concretizada uma integração suficiente” (p. 118). Para Noelle-Neumann, além do medo ao isolamento, funciona ainda a dúvida sobre a capacidade de julgamento que o indivíduo tem sobre si mesmo e que o torna vulnerável à opinião dos demais, em especial no caso de pertencer a algum grupo social, que pode “punir-lo por ir além da linha autorizada”.

Esta perspectiva deriva de estudos desenvolvidos por Solomon Asch¹² sobre isolamento e conformidade social, mostrando que as pessoas, em sua maioria, amoldam-se ao que pensam ser a tendência de pensamento da maioria das pessoas que as rodeiam. Isso permitiu a Elisabeth Noelle-Neumann desenvolver dois conceitos que, a partir de 1972, caracterizariam sua hipótese da *espiral de silêncio*: o de *clima de opinião* e o da própria *espiral de silêncio*.

Em seu livro posteriormente publicado, Noelle-Neumann conta o encontro que tivera com uma amiga que carregava um cartaz favorável à *Ostpolitik* do governo alemão de então. A pesquisadora expressa sua surpresa à amiga, afirmando desconhecer que ela fosse partidária dos cristãos-democratas, ao que a amiga respondera dizendo que não o era, mas que carregava o cartaz apenas para ver o que aconteceria. Algumas horas depois, as duas voltaram a encontrar-se, e a amiga já não levava mais o cartaz. Indagada sobre seus motivos, sintetizou ter sido horrível tudo aquilo. Noelle-Neumann analisa então o acontecimento, mostrando que os defensores da *Ostpolitik* estavam efetiva-

mente convencidos do acerto daquela política e expressavam-se forte e livremente a seu favor. Os que, ao contrário, rechaçavam aquela opinião não o faziam com a mesma confiança e assim foram se sentindo mais e mais marginalizados e rechaçados. Essa reação provocou uma inibição crescente à medida em que a opinião favorável à *Ostpolitik* encontrava amparo nos mídia alemães e, assim, parecia crescer mais e mais esta opinião favorável, obrigando os seus antagonistas a se calarem. Num movimento de *espiral* crescente, a defesa da *Ostpolitik* acabou efetivamente se afirmando e o governo encontrou apoio real suficiente para implantá-la e desenvolvê-la. Em consequência, as eleições que se seguem dão a vitória ao partido cristão-democrata, ainda que isso não estivesse claramente indicado no início da campanha eleitoral, quando ambos os partidos encontravam-se equilibrados nas pesquisas. É que, no fundo, havia o que Noelle-Neumann vai denominar de *clima de opinião* favorável à *Ostpolitik* e, consequentemente, ao partido que a defendera.

Para Elisabeth Noelle-Neumann, o ponto central de toda a sua hipótese é a capacidade que ela reconhece nas pessoas de perceberem o que por ela é denominado de *clima de opinião*, independentemente do que essas pessoas sintam. Assim, ao perceberem - ou imaginarem - que a maioria das pessoas pensa diferentemente delas, essas pessoas acabam, num primeiro momento, por se calarem e, posteriormente, a adaptarem, ainda que muitas vezes apenas verbalmente, suas opiniões às dos que elas imaginam ser a maioria. Em consequência, aquela opinião que, talvez de início, não fôsse efetivamente a maioria, acaba por tornar-se a opinião majoritária, na medida em que se expressa num crescente movimento de verbalização, angariando prestígio e alcançando a adesão dos indecisos.

Esta perspectiva explicaria o porquê da importância das pesquisas de opinião para uma campanha política e o quanto elas po-

dem ser decisivas se seus resultados forem publicados no próprio dia da eleição, sobretudo se houver um aparente empate técnico entre os dois principais candidatos: medir o *clima de opinião*, isto é, saber o que os eleitores imaginam que será o resultado, *independentemente* de seu próprio voto, pode ser um modo eficiente de intervir no resultado final, na medida em que termina por *sugerir* que um candidato venha a ganhar e, por conseqüência, que os eleitores indecisos votem nele, para fugir ao isolamento da opinião. Muitas vezes, até mesmo eleitores potenciais do candidato contrário acabam, à última hora, também mudando seu voto.

Assim, para Elisabeth Noelle-Neumann, a opinião pública é na verdade a opinião da maioria que pode e chega a se expressar livremente, na medida em que tenha acesso aos meios de comunicação. Dito de outro modo, a opinião pública é "um processo de interação entre as atitudes individuais e as crenças individuais sobre a opinião da maioria. Pela influência provocada na audiência pelos *mass media* chega-se à confluência do que seja a opinião majoritária." ¹³ Expressões como *Zeitgeist* ou *spiritus loci* traduziriam, filosoficamente, esta realidade, ligando-as, conseqüentemente, aos processos de opinião pública.

A influência que exerce sobre os indivíduos aquilo que eles imaginam ser o pensamento dos demais realiza-se num movimento constante, no tempo, ascensional, a que Noelle-Neumann vai denominar de *espiral do silêncio* porque tenderá a ampliar-se, crescendo à medida mesmo em que faz com que os demais que eventualmente se lhe opõem, silenciem ou sejam silenciados. Assim, uma determinada opinião que, num primeiro momento, ainda que *parecesse* ser a majoritária, fôsse na verdade minoritária, se percebida enquanto majoritária, tende a efetivar-se como tal, vencendo as eventuais barreiras, graças à tendência à sua verbalização e expressão que ocorrerá de modo crescente no meio social, como que numa

espécie de amparo mútuo entre aqueles que a defendem e aqueles que imaginam que tal posicionamento é, de modo efetivo, majoritário.

Para que isso seja possível, porém, deve ocorrer o que N. Luhmann denomina de *tematização*, conceito que a hipótese de *agenda setting* incorporou a seu arsenal e motivo pelo qual Noelle-Neumann apela constantemente àquela hipótese para basear seus estudos: a *tematização* é a colocação na pauta da atenção do público receptor de um determinado tema, com todas as suas variantes e desdobramentos, dando-lhe uma aura de importância e urgência. ¹⁴ Uma das hipóteses evidenciadas por essas pesquisas é a de que "os defensores da facção vencedora de opinião são unificados e confidentes, enquanto que os aderentes da facção perdedora estão isolados em suas perspectivas e, eventualmente, resignados" (p. 9), processo a que James Bryce denomina de *fatalismo da multidão*. ¹⁵ Em conseqüência, os defensores de pontos de vista que julgam ser minoria no meio social, mostram claramente uma tendência a guardar sua opinião para eles mesmos, sem a expressarem.

Assim, em 1972, na sua comunicação de Tóquio, Elisabeth Noelle-Neumann concluía:

"A tese de que os mídia não modificam atitudes mas apenas reforçam-nas não pode ser sustentada sob determinadas condições de consonância e acumulação. Nossas pesquisas indicam isso. É verdade que existe uma tendência a proteger as atitudes através da seleção perceptiva. Mas até mesmo a percepção seletiva está se tornando restrita - pela consonância das reportagens e dos editoriais, reforçados pela acumulação das periódicas repetições da mídia - a maioria das atitudes pode ser influenciada ou moldada pela mídia. Os processos individuais de formação da opinião são então reforçados pelas observações individuais

do meio ambiente social. Nós entendemos que as concepções sobre quais opiniões são dominantes em um determinado meio, ou quais opiniões podem tornar-se dominantes neste meio, estão sendo influenciadas pelos mídia. Este processo, digo, é mais pronunciado que muita gente admite.”(p. 109)

Em 1979, Noelle-Neumann voltou a publicar novo ensaio, onde, depois de revisar os conceitos expressos em 1972, apresentava uma série de pesquisas desenvolvidas pelo Instituto Allensbach que confirmavam sua tese.¹⁶

Ela insistia numa “possível conexão entre a mídia e as mudanças de opinião”(p. 143), na medida em que a mídia pode ser um “agente de mudança em condições específicas em que a mídia alcance consonância e as políticas governamentais influenciem a população naquela mesma direção”(p. 144). Chegava ela, assim, a formular um novo conceito de opinião pública, qual seja:

“é a conexão - na ... realm da controvérsia, que alguém é capaz de expressar sem o risco do auto-isolamento - e que tem duas fontes: os mídia e a observação imediata do meio ambiente, do que as outras pessoas pensam e do que elas expressam em público.”(p. 146)

Admitia ela, contudo, neste estudo, não saber o impacto que resulta de uma corrente constante de informações que a mídia desenvolve junto ao receptor, mas antecipava os eventuais riscos à democracia que tal possibilidade poderia ter.

Em 1980 e 1984, respectivamente na Alemanha e nos Estados Unidos, Elisabeth Noelle-Neumann veio a publicar o livro que combinava e desenvolvia todos os seus estudos de até então, *A Espiral do Silêncio - Opinião pública: nossa pele social* e onde propunha uma teoria da opinião pública:

“... era previsível que a teoria da espiral do silêncio não fôsse recebida como um progresso para uma teoria da opinião pública quando se a apresentou pela primeira vez (...). Nessa teoria não havia lugar para o cidadão informado e responsável, o ideal em que se baseia a teoria democrática. A teoria deocrática básica não leva em conta o medo do governo e do indivíduo à opinião pública. A teoria democrática não trata temas como a natureza social do homem, a psicologia social ou a origem da coesão social.”(pp. 256-7)

Referindo algumas experiências recentes, posteriores a seu livro, Noelle-Neumann, contudo, reafirma a base de sua teoria, e insiste sobre a necessidade de se conhecer as “condições necessárias para o estudo empírico da opinião pública”, incluindo alguns questionamentos básicos:

1. há que determinar a distribuição da opinião pública sobre um tema dado com os métodos pertinentes de pesquisa representativa;
2. há que avaliar o clima de opinião, a opinião individual sobre “o que pensa a maioria das pessoas?” porque isso mostra muitas vezes um panorama completamente novo;
3. como acreditam as pessoas que vai evoluir um tema controvertido? Que grupo vai adquirir força, qual vai perder terreno?
4. há que medir a disposição a expressar-se sobre um determinado tema, ou a tendência a permanecer calado, especialmente em público;
5. possui o tema em questão um forte componente emocional ou moral? Sem esse componente não há pressão da opinião pública e, portanto, não há espiral de silêncio;

6. que posição adotam os meios de comunicação ante esse tema? A que grupo apóiam os meios influentes? Os meios são uma das fontes de que procede a avaliação que as pessoas fazem do clima de opinião. Os meios influentes emprestam palavras e argumentos aos outros jornalistas e aos que estão de acordo com eles, influenciando assim no processo de opinião pública e na tendência a expressar-se ou ficar calado.”(p. 258)

Os pressupostos que sustentam sua teoria, sintetiza ela, são:

1. a sociedade ameaça aos indivíduos desviados com o isolamento;
2. os indivíduos experimentam um contínuo medo ao isolamento;
3. este medo ao isolamento faz com que os indivíduos tentem avaliar continuamente o clima de opinião;
4. os resultados dessa avaliação influem no comportamento em público, especialmente na expressão pública ou no ocultamento das opiniões.”(p. 260)

Para Elisabeth Noelle-Neumann, assim, a opinião pública não é apenas uma *função manifesta*, segundo a categoria de Charles Wright, mas é antes de tudo uma *função latente*, o que significa a necessidade e a importância de que seja medida enquanto *processo* e não depois que se manifeste através de acontecimentos. Essa é uma questão extremamente pertinente no caso das pesquisas eleitorais, porque a aceitação da importância do clima de opinião pode projetar, com correção, a tendência do eleitorado, levando um determinado candidato à vitória.

Não por um acaso, alguns dos institutos que atuam no Brasil começam a incluir, como questionamento final a suas pesquisas, a indagação aparentemente tão ingênua quanto

potencialmente decisiva: *em quem você imagina que a maioria dos eleitores votará* ou, dito de outro modo, *quem você acredita que ganhará a eleição?*

Mauro Wolf, discutindo a validade da hipótese de Noelle-Neumann,¹⁷ apela ao conceito de *ignorância pluralística* desenvolvido por Newcomb¹⁸ que indica:

“... a situação social em que cada um acredita ser o único a pensar algo de certo modo e não expressa sua própria opinião por temor de violar um tabú moral ou uma regra indiscutível, ou por medo de ser impopular. Quando ninguém concorda com uma norma, mas cada um pensa que todos os demais concordam com ela, o resultado final é como se todos concordassem com aquela norma.” (p. 71)

Em 1990, dois americanos publicaram uma experiência desenvolvida mediante a aplicação da hipótese da espiral de silêncio, com base no conceito de ignorância pluralística.¹⁹ Os dois pesquisadores buscaram relacionar os princípios teóricos básicos da hipótese da espiral de silêncio na sua aplicação com um público situado na localidade de Monroe County, no sul do estado de Indiana, em novembro de 1986, em torno de um acontecimento relativamente polêmico para aquela comunidade: a descoberta de que uma empresa havia transformado os arredores da cidade num grande lixo onde colocara restos de PCB (polychlorinated biphenyls), produto químico usado para a fabricação de óleos refrigeradores para transformadores elétricos, considerados cancerígenos.

Os dois pesquisadores trabalharam com três hipóteses:

1. aqueles que utilizam a mídia intensamente teriam melhores condições de avaliar a opinião da maioria das pessoas sobre o tema do que aqueles que usam menos a mídia;

2. aqueles que utilizam intensamente a mídia teriam melhores condições de precisar se estavam junto com a opinião da maioria ou contrários a ela;

3. a saliência de um fato será um prognóstico mais valioso da expressão do que a utilização da mídia.

Pesquisadas 348 pessoas, as perguntas versavam, inicialmente, a respeito da audiência da mídia, incluindo jornais e televisão. Indagava-se também se os entrevistados haviam trocado opiniões a respeito com membros da família, amigos, vizinhos ou colegas de trabalho. De imediato, indagava-se se os entrevistados assinariam petições em torno do tema, escreveriam cartas aos editores de jornais ou participariam de manifestações públicas a favor ou contra o assunto, conforme suas posições.

O resultado final indicou que os entrevistados com uso médio de mídia (nem alto uso nem baixo uso) tinham a percepção mais correta da opinião majoritária e do posicionamento pessoal em relação a ela. Não se confirmavam, assim, a hipótese de que um maior uso de mídia correspondia à maior capacidade de percepção do clima de opinião ou que o maior uso da mídia possibilitasse maior percepção quanto à sua inclusão ou exclusão do grupo de maioria ou minoria de opinião em relação a tal tema.

Concluía-se, ao contrário, que a saliência do tema era um previsor muito mais poderoso da expressão de opinião do que o uso da mídia em si.

Alguns indicadores paralelos, contudo, abrem novas perspectivas de pesquisa: o leitor de jornal tem maior percepção da realidade do entorno que um espectador de televisão, por exemplo. Por outro lado, a comunicação interpessoal mostrou ter maior capacidade de traduzir a correta percepção do lugar que ocupa o indivíduo em relação à maioria de opinião do que o uso da mídia.

Os autores reconheceram, ainda, que as diferenças demográficas entre o público europeu e o norte-americano e, sobretudo, a diferença dos contextos sociais europeu e dos Estados Unidos - em especial a tradição superior de leitura que se encontra na Europa, em confronto com a dos Estados Unidos, e a tradição de leitura crítica que existe com maior evidência na Europa do que nos Estados Unidos - poderiam ser variantes a serem consideradas e que esta experiência não havia levado em conta. Também reconheceram os pesquisadores que deve se levar em conta a diferença conceitual entre *opinião pública* e *opinião da maioria*, tendo em vista os papéis sociais que algumas fontes representam em face de outras (qualidade x quantidade).

Concluíram ainda, reconhecendo que o fato de a saliência do tema ter superado em relevância o uso da mídia pode ter sido gerado a partir de uma situação muito particular daquela pesquisa: todo o público entrevistado vivenciava de maneira imediata a questão, pois que a mesma se colocava a poucos quilômetros de suas casas e o envolvia diretamente por suas eventuais conseqüências. A emocionalidade da questão superava em muito qualquer avaliação racional.

Em síntese, se a pesquisa desclassificou a hipótese de Elisabeth Noelle-Neumann, não chegou a negá-la pois, ao mesmo tempo, também relativizou seus próprios resultados.

Mauro Wolf afirma que "o ponto crucial da espiral de silêncio é, segundo minha opinião, a observação de que os mídia não se limitam a representar as tendências da opinião pública, mas que, ao contrário, lhe conferem concretamente forma e desenvolvimento. Contudo, não se pode dizer que os mídia criam a opinião pública enquanto os deslocamentos de tendência não se verificarem de modo autônomo em relação à ação dos mídia, mas que estão estreitamente vinculados a ela" (p. 72). Mauro Wolf entende que "mais do que centrar o poder dos mídia

sobre uma validade absoluta e irreal de homogeneidade ideológica, haveria que individualizar as condições nas quais pode realizar-se uma dinâmica de espiral do silêncio, ainda que em presença de diferenciação entre os mídia" (p.75).

Clóvis de Barros Filho, por seu lado, mostrando que as duas condicionantes da espiral de silêncio são, justamente, o medo ao isolamento e o reconhecimento da competência específica (*knowledge gap*²⁰), reconhece que a espiral do silêncio é uma hipótese controversa, mas bastante rica em alternativas de pesquisa. Para o autor, de qualquer forma, essas são hipóteses de trabalho a serem desenvolvidas, sobretudo para os profissionais que, como ele, se preocupam com as questões éticas da comunicação e em como resolvê-las, evitando-se aquelas situações de quebra da democracia já levantadas pela própria Elisabeth Noelle-Neumann.

Por fim, registre-se que Charles T. Salmon e F. Gerald Kline, uma década depois de publicado o livro de Noelle-Neumann, faziam uma avaliação da evolução e da aplicabilidade de sua hipótese, concluindo, entre outros tópicos, que o modelo integrado de formação de opinião desenvolvido pela pesquisadora alemã não conseguia ainda evidenciar, com absoluta clareza, até que ponto o temor do isolamento influía sobre os posicionamentos assumidos pelo público pesquisado.²¹ Reconheciam eles que a visibilidade do tema tinha uma importância muito grande na formação da opinião pública e, enfim, destacavam também a importância da combinação de traços individuais na caracterização dos pesquisados. Concluindo seu ensaio, pediam que maior atenção fosse dada à maneira pela qual a percepção dos pesquisados se dirige para um determinado acontecimento ou tema, buscando distinguir o que seria grande e pequeno grupo, dentro dos quais se coloca o entrevistado, perspectiva que poderia mudar por completo as ênfases da hipótese da espiral de silêncio como até aqui desenvolvidas.

Seja como for, não apenas como desdobramento ou aplicação da hipótese da *agenda setting*, a hipótese da *espiral de silêncio* é um campo de pesquisa que nos deve alertar para o fato de que todos os que trabalham com a comunicação social não podemos ser nem preconceituosos nem ingênuos: a mídia, se não tem aquele poder absoluto que se lhe emprestou até a década dos 20, por certo possui uma força ainda de todo não dimensionada, graças às diferentes estratégias com que é sucessivamente apropriada por diferentes grupos, políticos ou não, em nossa sociedade. E cabe a nós, que trabalhamos com este processo, mantermo-nos permanentemente alertas e preparados para compreendê-lo e aprofundar nosso conhecimento sobre ele.

Referências

- 1 NOELLE-NEUMANN, Elisabeth - *La Espiral del Silencio - Opinión pública: nuestra piel social*, Barcelona: Paidós, 1995.
- 2 NOELLE-NEUMANN, Elisabeth - "Return to the Concept of Powerful Mass Media", *Studies of Broadcasting*, 9, (1973), pp. 67-112.
- 3 A teoria hipodérmica dos anos 20 afirmava o absoluto poder da mídia sobre o receptor, concebido como vítima indefesa de toda e qualquer mensagem emitida por alguma fonte. Esta teoria considerava o conceito de *massa* informe e indefesa, oriunda sobretudo das experiências da I Grande Guerra e dos sistemas políticos autoritários então vigentes. Esquerda e direita visualizava esta perspectiva, ainda que sob ângulos e motivos diversos: para a esquerda, era importante acreditar no poder absoluto das fontes, diante da teoria do papel de vanguarda que as lideranças partidárias deveriam desenvolver perante a massa. Quanto à direita, era uma boa desculpa para desqualificar o público, considerado anonimamente, justificando os sistemas ditatoriais e as práticas censórias.
- 4 NOELLE-NEUMANN, Elisabeth - "Mass Media and social change in developed societies" in KATZ, E. et SZECSKO, T. (Org.) - *Mass Media and Social Change*, Beverly Hills; Sage, 1981, pp. 137-165.

- 5 BARROS FILHO, Clóvis - *Ética na Comunicação: da Informação ao Receptor*, S.Paulo: Moderna.1995, pp. 207-227.
- 6 Op. cit., p. 217.
- 7 BOECKELMANN, F. - *Formación y Funciones sociales de la Opinión pública*, Barcelona: Gustavo Gili.1983.
- 8 NOELLE-NEUMANN, Elisabeth - *La Espiral del silencio*, op. cit., p. 98.
- 9 LIPPMANN, Walter - *Public Opinion*, New York: The Free Press. 1922.
- 10 TARDE, Gabriel - "O Público e a Multidão", Paris, *La Revue de Paris*. 1898, vol. 4. No Brasil, há tradução: Martins Fontes.
- 11 SINGLETARY, Michael W. et STONE, Gerald - *Communication Theory & Research Application*.
- 12 ASCH, Solomon - "Effects of Group Pressure upon the Modification and Distortion of Judgements" in *Groups, Leadership and Men*, Pittsburg: Carnegie. 1951.
- 13 NOELLE-NEUMANN, Elisabeth - *Return to the Concept of Powerfull Mass Media*, op. cit., p. 87.
- 14 LUHMANN, Niklas - *Politische Planung. Aufsätze zur Sociologie von Politik und Verwaltung*, Opladen, Westdeutscher Verlag. 1971, ps. 9-34 apud NOELLE-NEUMANN, Elisabeth - *Return to the Concept of Powerful Mass Media*, op. cit., p. 92.
- 15 BRYCE, James - *The American Commonwealth*, New York. 1924. Vol. 1 e 2.
- 16 NOELLE-NEUMANN, Elisabeth - *Mass Media and social Change in developed Societies*, op. cit. nota 4.
- 17 WOLF, Mauro - *Los Efectos sociales de los Media*, Barcelona: Paidós.1994, p.71.
- 18 NEWCOMB,T. - *Social Psychology*, New York: Dryden. 1950.
- 19 RIMMER, Tony et HOWARD, Mark - "Pluralistic Ignorance and the Spiral of Silence: a Test of the Role of the Mass Media in the Spiral of Silence Hypothesis", *Mass Communication Review*. 1990, vol. 17, Nos. 1 e 2.
- 20 TICHENOR, DONOHUE et OLIEN - "Mass media flow and differential growth in knowledge" in *Public Opinion Quarterly*. 1970, vol. 34, pp. 159-170. O conhecimento específico é o reconhecmento de especialização e capacitação que a opinião pública empresta a determinada fonte.
- 21 SALMON, Charles T. et KLINE, F. Gerald - "The Spiral of Silence ten Years later" in *Political Communication Yearbooks*, SIU Press. 1985-1986, pp. 3-30.